II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: 6. A subjetividade na formação de professores e outros profissionais

ENSINO DE CIÊNCIAS E ESCUTA SENSÍVEL: uma análise da relação pedagógica intérprete educacional-estudantes surdos

Isabella Guedes Martinez¹ – PPGEduC – martinezisabellaguedes@gmail.com

Elias Batista dos Santos² – SEEDF; FAPRO – edrsantos@gmail.com

Ricardo Gauche³ – UnB – gauche@unb.br

Resumo

Este trabalho se insere no contexto dos estudos de doutoramento de um de seus autores e apresenta uma compreensão da relação estabelecida entre os estudantes surdos e o intérprete educacional como constituinte do fazer pedagógico que se desenvolve, neste caso, em uma sala de aula de ensino médio. Sendo assim, assumimos e defendemos aqui, em consonância com a perspectiva da Teoria da Subjetividade de González Rey, que o processo de ensino-aprendizagem é relacional e as singularidades das pessoas participantes constituem o ao mesmo tempo em que se constituem no espaço-tempo da aula. Ao desenvolver a presente investigação, nosso intuito foi analisar o processo de produção de uma ambiência favorável para a aprendizagem de estudantes surdos, no contexto da sala de aula de uma escola pública de ensino médio. Para tanto, com base nas ideias de González Rey, como referencial teórico, utilizamos a subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica e o procedimento investigativo foi inspirado nos princípios da Epistemologia Qualitativa. Com o intuito de favorecer a produção de subsídios empíricos pelos participantes, foram utilizados, entre outros indutores, conversas informais, produção de desenhos, completamento de frases e dinâmicas conversacionais. Os resultados indicaram que o exercício de escuta sensível, realizado pelo intérprete educacional como ação pedagógica, se constituiu como fonte geradora de sentidos e favoreceu a criação de uma ambiência favorável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de estudantes surdos.

Palavras-Chave: subjetividade; estudantes surdos; intérprete educacional.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Introdução

De acordo com González Rey e Mitjáns Martínez (2017), os espaços constituídos a partir da dialogicidade favorecem a criação de um ambiente em que os estudantes podem assumir a aprendizagem como produção própria. Assim, a partir de sua relação pedagógica com os estudantes surdos, a atuação do intérprete educacional pode favorecer a produção de vínculos cognitivos e afetivos no espaço-tempo das aulas, o que pode se constituir como situação favorecedora para o desenvolvimento subjetivo de cada indivíduo participante da ação (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

A constituição de um ambiente favorável ao processo ensino-aprendizagem é entendida como uma oportunidade para a melhoria do processo de aprender e da ação pedagógica desenvolvida no contexto escolar. A dimensão subjetiva do processo ensino-aprendizagem foi constituída pelas e, ao mesmo tempo, constituiu as relações entre os estudantes surdos de uma turma do primeiro ano do ensino médio e o intérprete educacional que os acompanhava. Para Mitjáns Martínez e González Rey (2017), esta relação dialógica entre as pessoas pode se constituir como um caminho singular desde o planejamento pedagógico até a avaliação.

Portanto, a Teoria da Subjetividade de González Rey foi nossa base interpretativa da realidade investigada no que concerne à subjetividade enredada nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano dos estudantes surdos e do intérprete educacional. Esperamos corroborar para os estudos e compreensão acerca da relação entre estudantes surdos e intérprete educacional, auxiliando para a melhoria do processo ensino-aprendizagem relacionado a eles.

Metodologia

Nossa pesquisa se apoiou na perspectiva da Pesquisa Qualitativa. De acordo com esta teoria, os conceitos vão se constituindo de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, pois a construção da teoria é viva e acontece de acordo com o próprio desenvolvimento da produção teórica e do acompanhamento em sala de aula – em específico neste trabalho (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ 2017).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

O nosso trabalho se desenvolveu em um colégio da rede pública do Distrito Federal, no espaço-tempo de uma turma de primeiro ano de ensino médio¹. Acompanhamos as aulas de Química e de Física durante o ano de 2018, depois de autorizados pelo corpo gestor da instituição e obtidos o consentimento de todas as pessoas voluntárias e participantes da pesquisa. A recepção atenciosa e a disponibilidade dos profissionais da educação que atuavam na escola em colaborar com o desenvolvimento de nossa pesquisa favoreceram a criação de um ambiente de pesquisa em que predominaram confiança e abertura ao diálogo. Ao longo da nossa permanência na escola, trabalhamos com indutores como conversas informais, produção de desenhos e dinâmicas conversacionais. A utilização desses indutores favoreceu produção de informações pelos participantes, constituindo-se em expressões e produções subjetivas e singulares.

A escola

A cidade em que a escola está situada dista cerca de trinta e cinco quilômetros do centro das decisões políticas do nosso país. O acesso a ela é fácil, pois fica em uma das principais ruas da cidade. A instituição tem localização privilegiada. Durante todo tempo em que estivemos presentes, nosso convívio com a equipe escolar foi amistoso.

Intérprete educacional

O intérprete educacional era concursado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Ele trabalhava há nove anos na escola em que fizemos a pesquisa. Desde nossos primeiros encontros, se mostrou receptivo, expressou curiosidade a respeito do trabalho que faríamos durante aquele ano e, voluntariamente, se colocou à disposição para participar da pesquisa. Atuava acompanhando as regências de todos os componentes curriculares para a mesma turma. Assim, a cada semana, ele permanecia em sala por vinte e cinco horas, e as outras quinze horas eram destinadas para a coordenação pedagógica individual ou coletiva. O intérprete educacional recebeu, no contexto deste trabalho de pesquisa, o codinome de Iago.

¹ Chegamos a esta escola por indicação da Coordenação Regional da cidade em que fizemos a pesquisa, quando buscávamos por escolas que tivessem, em sala de aula, estudantes surdos e intérprete educacional.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Os estudantes surdos

Havia na sala de aula em que se desenvolveu a pesquisa cinco estudantes surdos e trinta e dois estudantes ouvintes. Dois, dos estudantes surdos, dominavam Libras, e os outros três compreendiam com algumas dificuldades, que eram solucionadas pelo intérprete educacional.

A partir da diversidade presente em sala de aula, escolhemos utilizar indutores de acordo com o desenvolvimento da pesquisa. Dessa maneira, as informações que subsidiaram o processo interpretativo foram sendo produzidas e analisadas ao longo da fase empírica da pesquisa, de acordo com o que participantes expressam e produzem. Utilizamos nomes fictícios para os estudantes surdos: Úrsula, Diana, Thiago, Quim e Carlos.

Trabalhamos, ao longo da pesquisa, com indutores não escritos e escritos e, para cada um, utilizamos uma sigla para facilitar a identificação por parte do leitor, como se segue: 1) Refazendo a escola – RE; 2) Desenho intérprete educacional – AI; 3) Dinâmica conversacional – DC; 4) Conversas informais – CI. A utilização destes indutores auxiliou no processo de compreensão do fenômeno estudado porque favoreceram a expressão dos estudantes surdos.

Com o intérprete educacional, trabalhamos ao longo da pesquisa com indutores não escritos e escritos e, para cada um, utilizamos uma sigla para facilitar a identificação por parte do leitor, como se segue: 1) Como me vejo – ME; 2) Acompanhando a ação pedagógica do professor de Física – PF; 3) Conversas informais – CI. A utilização destes indutores auxiliou no processo de compreensão do fenômeno estudado porque favoreceram a expressão do intérprete educacional.

Resultados e Discussão

Para ajudar na leitura e compreensão do processo construtivo-interpretativo que desenvolvemos ao longo da pesquisa, apresentaremos nossas interpretações a partir de situações que consideramos significativas. Sabemos que essas situações foram produzidas de maneira complexa e interdependente, entretanto, para fins didáticos apresentaremos as discussões em função de cada uma delas, passo a passo.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Sendo assim, a primeira situação que vamos interpretar se refere à “Dinâmica conversacional”, em que passamos o filme “Como estrelas na terra” e, no contexto do filme, havia um estudante com necessidades específicas educacionais que era ajudado por um professor. Perguntamos aos cinco estudantes surdos que estavam sendo acompanhados por nós durante o ano e eles se expressaram, em seguida:

Pesquisadora: Ah, sim. Mas em sala de aula... Vocês viram que ele ajudou este menino em sala de aula, né? É porque apareceram os lugares que ele foi ensinando, mas ele ajudava na sala de aula mesmo, né? **Vocês conhecem alguém que ajuda dentro da sala de aula?**

Quim: Todo mundo.

Pesquisadora: Todo mundo?

Quim: Todo mundo ajuda o outro.

Pesquisadora: E algum adulto? Tem?

Thiago: **Iago**.

Quim: Professor, **Iago**...

Carlos: **Iago**.

Pesquisadora: Iago?

[os cinco fizeram sim com a cabeça e Diana, Úrsula e Carlos sorriram].

Pesquisadora: Muito bem, o professor **Iago**. O **Iago** ajuda a quem?

Thiago: **A gente. Entende a gente.** (DC
_Quim_Thiago_Carlos_Diana_Úrsula).

A partir dessa conversa, começamos a pensar que, em diferentes momentos, o intérprete educacional expressava que entendia os estudantes surdos. Queríamos saber de que forma esse processo interpretativo se dava no contexto da atuação do intérprete educacional. Assim, durante momentos diferentes no ano de 2018, Thiago e Diana também explicaram, a partir dos indutores “Desenho pessoa intérprete educacional” e “Refazendo a Escola”, respectivamente, que Iago os entendia:

Thiago: Ah, eu chamando o Iago quando eu tô precisando da ajuda dele.

Pesquisadora: Ah, legal. E aí, quando você chama ele, ele te ajuda?

Thiago: Ajuda e aprendo.

Pesquisadora: Que mais?

Thiago: **Me entende.** (AI_Thiago).

Pesquisadora: Pode mudar espaço, pessoas, sala de aula... o que você quiser.

Diana: Os professores também?

Pesquisadora: Pode. Você que manda, você é um ser superior. Ia ser bom, né?

Diana: Vários professores aí...

Pesquisadora: Você ia mudar um monte de professor?

Diana: [fez sim com a cabeça]

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Pesquisadora: Por quê?
Diana: Porque tem alguns que eu não gosto.
Pesquisadora: Você mudaria o Iago?
Diana: Não.
Pesquisadora: Por que, não?
Diana: Porque **ele é legal e entende a gente**.
Pesquisadora: E você aprende com o Iago?
Diana: Sim. (RE_Diana).

Notemos que os estudantes surdos ao expressarem que “Iago entende a gente”, estavam indicando que o intérprete educacional, ao exercitar a escuta sensível, tinha acesso ao que os discentes estavam precisando naquele momento e podia, assim, estruturar estratégias pedagógicas em conjunto com o professor regente para tentar suprir as necessidades dos estudantes surdos.

Uma situação que exemplifica essa nossa construção teórica, entre tantas outras ocorridas ao longo da pesquisa, aconteceu em outubro, durante a aula 72. O professor regente de Física (que recebeu o codinome de Thalles) e a pessoa intérprete educacional Iago explicaram o mesmo exercício que estava no quadro. Quim estava participando bastante da aula e respondia às perguntas para Iago – que se comunicava com Thalles a respeito do conteúdo da resposta de Quim. Em um dado momento da aula, os professores estavam resolvendo algumas questões no quadro. Enquanto isso, Quim continuava a fazer os cálculos necessários para a resolução das questões, mentalmente, e antes que qualquer colega desse a resposta, Quim já indicava o resultado para Iago. A aula acabou e, em uma conversa informal com Iago, que ocorreu na saída da sala da aula, depois da aula de Física, Quim disse pra Iago: “Você já sabe das coisa que preciso” (CI_sala de aula) e Iago disse que ele é bom em Física, também: “Você sabe que é esperto, inteligente... vai estudar Física na faculdade” (CI_sala de aula). Quim já nos havia contado que gostaria de ser astrônomo ou jogador de futebol e Iago também já sabia disso, pois, apesar do Quim ser tímido, ele conversava com o intérprete educacional Iago. Essa relação dialógica e de confiança pode ter sido importante nesse processo dinâmico e recursivo que ocorreu entre os estudantes surdos e o intérprete educacional, favorecendo o desenvolvimento de momentos pedagógicos em que a prática da escuta sensível foi realizada. Nesse sentido, entendemos que a abertura ao diálogo foi

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

essencial na constituição desse processo, pois o outro se constituiu como uma fonte de produção emocional do sujeito (SANTOS, 2013).

Barbier (2002) considera que a escuta sensível é multirreferencial e procura perceber não apenas uma situação, mas o sentido que existe nela. O intérprete educacional, ao conhecer seu estudante surdo, pode entendê-lo não apenas quando fala, mas a partir do que seus outros sentidos podem significar. A audição, o tato, a gustação, a visão e o olfato precisam ser desenvolvidos na escuta sensível.

No período em que estivemos acompanhando as aulas na instituição, em diferentes ocasiões, o intérprete educacional procurou intervir pedagogicamente junto aos seus estudantes para ajudá-los no processo de superação de dificuldades e na compreensão de situações. Apesar desta ação intencional por parte do intérprete educacional, era o estudante que produzia e expressava um sentido para tal ação. Sendo assim, a ação pedagógica que o intérprete realizava, focada na necessidade do estudante, era subjetivada por este, podendo ser assumida pelo estudante como sendo uma ação significativa ou não.

Com o objetivo de conhecer o estudante surdo de forma holística e de ter acesso a outros momentos e significados para os estudantes surdos, Iago procurava criar situações em que pudesse dialogar com os pais dos estudantes surdos e com os estudantes surdos. Esta ação pedagógica pôde ser entendida como uma possibilidade de se construir canais de comunicação com o estudante surdo e, de outra maneira, com as famílias. Da nossa perspectiva, entendemos que esta ação do intérprete educacional favoreceu seu processo de interpretação e tomada de decisão sobre a constituição do espaço-tempo da sala de aula, já que “escola e família representam dois sistemas de comunicação essenciais para as produções subjetivas dos alunos” que “devem se caracterizar por serem espaços de diálogo e de emoções que favorecem uma expressão sadia das crianças” (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 170).

Em nossa pesquisa, por várias vezes, Iago dialogou com os pais e com os estudantes surdos. Por exemplo, essa ação intencional do Iago foi expressa por ele, a partir da atividade realizada “Acompanhando a ação pedagógica do professor de Física”, em agosto:

Pessoa intérprete educacional: Tenho o zap da mãe da Úrsula, do Carlos, da Diana e do Quim eu não tenho, mas eu tenho contato com a mãe dele. O Thiago eu não tenho contato nenhum.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Pesquisadora: Ah, é? E ele mesmo não tem telefone, né?

Pessoa intérprete educacional: E não tem nem zap, nada... (PF_ intérprete_educacional_ Iago).

Pessoa intérprete educacional: É claro. Quando sai mais cedo, eu mando zap pra mãe avisando que saiu mais cedo. A Úrsula, por exemplo, eles têm muito cuidado com ela.

Pesquisadora: Já.

Pessoa intérprete educacional: Eu avisava à mãe dela que ela ia sair mais cedo, algum recado... A mãe da Diana, como ela falta sempre, eu sempre aviso. Ela faltou hoje e perdeu isso, faltou hoje... Se ela foi no médico, não esquece o atestado. (PF_ intérprete_educacional_ Iago).

Ele conversava com a mãe da Úrsula com mais frequência e ela costumava buscar sua filha no colégio e ver o intérprete educacional Iago. Eles conversavam sobre assuntos da Úrsula, com periodicidade:

Pessoa intérprete educacional: Parece que a mãe dela já comprou ou vai comprar. Todo professor que chegar em sala vai colocar assim, aí o professor dá a aula dele normal e ela vai... além de olhar pro professor. (PF_ intérprete_educacional_ Iago).

Outra ilustração sobre a relação do Iago com a família dos estudantes surdos aconteceu no final de agosto – aula 68 –, quando Úrsula, Diana e Thiago estavam esperando o sinal tocar para a aula de Física ser finalizada. Naquele momento, me aproximei dos estudantes e ficamos conversando sobre as atividades escolares deles e, neste momento, Diana disse para Iago que não era para ele ficar dizendo nada de errado que ela faz para a mãe dela. Iago perguntou se ela havia feito algo. E ela disse que é porque está faltando muito e acha que perdeu algumas atividades que deveria fazer. Iago disse: “Eu já falei sobre isso com sua mãe, mas vocês têm que se organizar, né?” (CI_sala de aula). Ainda nesta mesma aula 68, Diana nos contou: “Iago manda mensagem pra minha mãe, é porque estou faltando muito” (CI_sala de aula). Úrsula, depois dela, aproveitou e também expressou: “Faltei um dia e Iago fala com minha mãe aqui na saída, mas agora nem falta” (CI_Úrsula).

O intérprete educacional Iago se preocupava em enviar fotos do quadro negro para os estudantes surdos, das atividades e dos deveres passados em sala – com o objetivo de mantê-los atualizados sobre o que fora passado nas aulas – e os incentivava a entregar os deveres. Iago era atuante em sala de aula e podia ser entendido como sujeito, em diversos momentos,

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

quando era reflexivo e ao tomar posições e agir em prol do desenvolvimento dos estudantes surdos (GONZÁLEZ REY, 2004). No indutor “Acompanhando a ação pedagógica do professor de Física”, em agosto, citamos isso:

Pesquisadora: E no grupo mesmo, né, você manda as fotos do que foi dado em sala...

Pessoa intérprete educacional: Isso. (PF_ intérprete_ educacional_ Iago).

O intérprete educacional Iago atribuía significado à participação em sala de aula, e como já apresentamos, Úrsula expressou que ele não gostava que os estudantes surdos faltassem. Inclusive, o próprio Iago, durante todo o ano, faltou em pouquíssimas aulas. Relembramos a ele, ainda em maio, acerca de sua resposta no indutor “Como me vejo”, que ocorreu em abril, e nos disse: “Gosto de acordar todo dia para ficar com eles, meu trabalho, minha satisfação, eu quem fica sabendo o que eles querem, **eu vejo todos e ensino a eles, eu gosto**” (CI_ sala de aula).

Pessoa intérprete educacional: Tá, no meio da semana eu sinto alegria porque teve trabalho, por ter a satisfação de acordar todo dia, satisfação por tá, tá fazendo que eu faço, que é uma coisa que eu gosto. (ME_ intérprete_ educacional_ Iago).

Iago nos contou que gostava de fazer o que fazia e talvez isto tenha sido imprescindível na hora de escolher estratégias para seu processo ensino-aprendizagem, buscando o melhor para os estudantes surdos, ao fazer uso da escuta sensível durante o ano. Ao mesmo tempo em que ele constituiu o, foi constituído pela relação ocorrida entre ele e os cinco estudantes surdos. Por sua vez, a ação pedagógica de fazer uso da escuta sensível pelo intérprete educacional foi, de maneira recursiva e dialógica, retroalimentada pela ação de compreensão e de afetividade com cada estudante surdo.

Considerações Finais

Nosso objetivo foi analisar o espaço-tempo de ensino-aprendizagem dos estudantes surdos e do intérprete educacional, analisando se houve escuta sensível pelo intérprete educacional e o que pôde ter sido subjetivado a partir de então, pelos estudantes surdos, mas também pelo intérprete educacional. Ambos foram configurados subjetivamente a partir desta ação pedagógica. Isto porque, ao promover o exercício da escuta sensível no contexto da sala de aula, ao perceber o discente e se atentar ao que ele quer falar e fala, o docente pode

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

compreender a dinâmica relacional desenvolvida no contexto da sala de aula e a produção e a expressão subjetiva de cada um dos participantes.

A pessoa intérprete educacional escutava o que os estudantes surdos precisavam e queriam e se relacionava com os responsáveis dos estudantes surdos. O exercício da escuta sensível como constituinte da ação pedagógica do intérprete educacional Iago foi se constituindo como alavancadora de possibilidades para a produção subjetiva dos participantes.

Trabalhamos com o processo construtivo-interpretativo da teoria da Subjetividade de González Rey e interpretamos que o diálogo, a interação com a família e a preocupação do intérprete educacional com os estudantes surdos fizeram parte deste processo subjetivo e desta relação entre eles. Compreendemos que houve favorecimento da expressão e da produção de sentidos subjetivos pelos estudantes e pelo intérprete educacional.

Referências

BARBIER, R. L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. **Conférence à l'Ecole Supérieure de Sciences de la Santé**, Brasília, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural–histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

SANTOS, E. B. O professor em situação social de aprendizagem: autoctonia e formação docente. 2013. 285 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.